

Referenciação e patemização em telejornais: o caso da detenta Suzy Oliveira ou do traveco demoníaco

Margareth Andrade Morais*
Rafael Guimarães Nogueira*

Resumo: O objetivo desta pesquisa é comparar, em reportagens televisivas, as formas de referenciação empregadas na construção da imagem de presidiárias transexuais e, em específico, da detenta Suzy Oliveira, e seus possíveis efeitos patêmicos. Sob os princípios teórico-metodológicos da Linguística de Texto, aos quais se soma a sistematização semiolinguística das tópicas patêmicas, investiga-se como as expressões referenciais podem salientar a representação que o enunciador intenta atribuir aos objetos de discurso e, paralelamente, as prováveis emoções despertadas no enunciatário. Para tal, analisam-se a matéria apresentada no *Fantástico* sobre os desafios dessa população carcerária e a apresentada no *Alerta Nacional* sobre os crimes praticados por Susy Oliveira. A análise qualitativa desses textos jornalísticos revela a construção de efeitos discursivos que apontam orientações argumentativas distintas de cada veículo de televisão.

Palavras-chave: Referenciação; Patemização; Orientação argumentativa.

Referenciation and patemization in television news: the case of inmate Susy Oliveira or the demoniac tranny

Abstract: The goal of this research is to compare, in television reportages, the reference forms used in the construction of the image of transsexual convicts and, in particular, inmate Suzy Oliveira, and their possible patemic effects. Under the theoretical-methodological principles of Text Linguistics, adding the semiolinguistic systematization of patemic topics, it is investigated how referential expressions, which can highlight the representation the enunciator intends to assign to the objects of speech and, in parallel, the emotions probably aroused in the enunciatee. To this purpose, we are analyzing the story displayed in the *Fantástico* about the challenges of this prison population and another one in the *Alerta Nacional* about the crimes committed by Susy Oliveira. The qualitative analysis of these journalistic pieces reveals a construction of discursive effects that point to different argumentative orientations for each television channel.

Keywords: Referenciation; Patemization; Argumentative orientation.

Introdução

Não exagere ao afirmar que Ingedore Koch contribuiu de modo decisivo para a consolidação da Linguística Textual entre nós e também para a afirmação dessa linha de trabalho como uma das mais produtivas e inovadoras. Isso não é pouco nem ocorre com frequência no meio acadêmico. (MARCUSCHI, 2003, p. 12).

No âmbito acadêmico, as pesquisas tão somente se tornam válidas se compartilhadas pela comunidade científica. A produção do conhecimento ganha ainda mais destaque quando aplicada à resolução de grandes desafios sociais – como o ensino de leitura e produção de texto. Nesse sentido, cumpre reconhecer a significativa contribuição de Ingedore Koch na introdução e na ampliação da Linguística de Texto no Brasil.

As publicações da professora e pesquisadora, como *A coesão textual*, destacam-se, em primeiro, pela tradução e reformulação de pesquisas estrangeiras. Se, em *Cohesion in English*, de Halliday e Hasan, opunham-se cinco mecanismos coesivos (a referência, a substituição, a elipse, a conjunção e a coesão lexical), Koch (1989, p. 18) reorganiza-os em dois macrogrupos: a *coesão referencial* e a *coesão sequencial*. Tal sistematização foi tomada como basilar no país, fundando a constituição de diferentes textos sobre o tema; dentre os quais, inúmeras pesquisas acadêmicas e documentos oficiais, como os Parâmetros Curriculares Nacionais.

Paralelamente, consoante ao pressuposto de que qualquer comunicação ocorre através de textos, as obras de Koch também ganham relevo por construírem conceitos a partir da exploração de unidades textuais (e não de frases soltas e desconexas, como se observa em outras pesquisas). Tal escolha teórico-metodológica permite descrever a construção dialógica do sentido na tessitura de relações textuais. Nessa perspectiva, o livro *A coesão textual*, ultrapassa, pela exploração de exemplares de diferentes gêneros textuais, a análise transfrástica, demonstrando, por exemplo, o movimento discursivo a partir do qual um elemento textual se reconfigura: “o referente [...] vai incorporando traços que lhe vão sendo agregados à medida que o texto se desenvolve [...]. Isto é, o referente é algo que se (re)constrói textualmente.” (KOCH, 1989, p. 31).

Por fim, um olhar panorâmico sobre as muitas publicações de Koch revela, no fio do

tempo, a reformulação de pressupostos da Linguística de Texto – o que representa sua renovação. Inserindo-se na fase (sócio)cognitiva interacional dos estudos textuais, Koch e Elias (2006, p. 07) ampliam, por exemplo, o conceito de texto, definindo-o como “lugar de interação de sujeitos sociais, os quais, dialogicamente, nele se constituem e são constituídos”.

É, pois, pelo notável trabalho de pesquisa de Ingedore Koch que temas como a referenciação passaram ocupar diferentes trabalhos científicos, tal como este artigo. Em se tratando de um fenômeno constitutivo da organização e da orientação argumentativa de um texto, a construção dos objetos de discurso segundo a manipulação linguística feita pelo sujeito enunciador emerge como importante objeto de investigação – em especial, no discurso jornalístico, que, não raro, sob a máscara da imparcialidade, veicula imagens subjetivas dos referentes de que trata.

Dada a relevância do tema, o objetivo desta pesquisa é interpretar e cotejar, em reportagens televisivas, as formas de referenciação e as possíveis emoções despertadas nos telespectadores referentes às presidiárias transexuais e, mais especificamente, a Suzy Oliveira, que cumpre pena por homicídio. Para tal, analisam-se duas reportagens televisivas de grande repercussão social: a **matéria do *Fantástico* (da *Rede Globo*) sobre a rotina e os desafios de mulheres trans em presídios de São Paulo – apresentada, em 1º de março de 2020**, pelo Dr. Drauzio Varella; e a matéria do *Alerta Nacional* (da *RedeTV!*) sobre o crime praticado pela presidiária e sobre o sofrimento da mãe da vítima – apresentada, em 09 de março do mesmo ano, por Sikêra Júnior. Em uma análise qualitativa das falas que compõem tais peças jornalísticas, identificam-se, interpretam-se e comparam-se as formas correferenciais que concernem, especificamente, às trans presidiárias e à detenta Suzy, relacionando-as às tópicas patêmicas descritas por Charaudeau (2007), com vistas à formulação de hipóteses acerca da orientação argumentativa de cada veículo de comunicação.

Como principais contribuições deste estudo, pontuam-se: demonstrar como as escolhas lexicais constituintes das cadeias correferenciais podem emergir diferentes efeitos discursivos em cada mídia; analisar, pela exploração de textos midiáticos, um fenômeno social, tendo em vista discursos contrários e polarizados em voga no Brasil; fornecer subsídios teórico-analíticos para a ampliação das habilidades de leitura, demonstrando como determinadas crenças e valores orientam a escolha de mecanismos linguísticos.

A referenciação na construção do texto

Os estudos sobre o papel dos elementos linguístico-discursivos na formulação de sentidos do texto passaram por diversas transformações, tendo como ponto culminante a compreensão das operações referenciais que contribuem para a construção dos objetos do discurso. Ao final dos anos 1990, as pesquisas em Linguística de Texto a respeito da referenciação desarticulam a noção de referência segundo a qual se ligava as palavras às coisas existentes no mundo para evidenciar a dinâmica dos referentes em uma dimensão interativa no texto. Nesse sentido, Mondada e Dubois (1995) propõem a substituição do termo *referência* por *referenciação*, visto que a relação entre as palavras e as coisas não é biunívoca. Para as autoras, os referentes presentes em um texto são compreendidos como objetos de discurso construídos no processo de interação. A compreensão de toda categorização depende do contexto discursivo, relacionado ao universo cognitivo e aos objetivos da situação de interação.

Dentro dessa perspectiva, Koch e Marcuschi (1998) trazem avanços significativos para os estudos sobre o tema no Brasil. Os autores ressaltam que a discretização do mundo pela linguagem é um fenômeno discursivo. Nessa concepção de referenciação, as entidades designadas deixam de ser objetos do mundo, espelhos do real, e passam a objetos de discurso, virtuais, disponíveis para utilização pelo produtor do texto, atualizados no contexto interacional e dependentes de conhecimentos prévios que vão sendo atualizados ao longo do processo sociocognitivo.

Segundo Koch e Marcuschi (1998), o processo da referenciação opera na construção evolutiva de sentido dos referentes a partir da relação entre enunciados, expressões nominais, descrições que se conformam à elaboração de um objeto do discurso. Para observar esse processo, é preciso investigar estratégias que um locutor realiza para representar seus objetos de discurso. Como os referentes se constroem de forma dinâmica na interação, gerando um processo de categorização e recategorização dos referentes, é possível perceber como uma expressão referencial introduzida progride de acordo com as estratégias textual-discursivas apontadas por parte de quem escreve, em seu projeto de dizer, e como tais objetos são reconstruídos por parte de quem lê. De acordo com essa visão, a recategorização dos

referentes também está relacionada a aspectos contextuais, definição que já amplia os limites do conceito primeiro de recategorização pelo fato de não restringir as remissões somente a itens lexicais.

Ainda de acordo com os autores citados, o processo referencial está ligado à progressão textual; e sua base é a complexa relação entre linguagem, mundo e pensamento, processada no discurso. A progressão referencial, nessa perspectiva, está ligada à introdução, preservação, continuidade, identificação, retomada de referentes textuais.

Schwarz (2007, p. 6) corrobora os postulados de Koch e Marcuschi (1998) ao definir o processo anafórico por meio de três movimentos básicos em relação ao elemento no discurso: *ativação, reativação e desativação*:

A ativação de um referente textual acontece quando um novo arquivo mental (formalmente representado como um nó em uma rede) é aberto. O referente é ativado e armazenado como uma etiqueta conceptual, e a entrada de informações sobre o mesmo referente será arquivada sob essa etiqueta. Esse processo será caracterizado como reativação, visto que o já estabelecido nó no modelo mundo textual é trazido novamente para a memória episódica. Se um novo referente é ativado no texto, o referente até então em foco é desativado, enquanto, ao mesmo tempo, um arquivo para o novo referente é aberto.¹

Segundo a autora, sempre quando um novo objeto é ativado, abrem-se arquivos mentais, ou seja, espaços referenciais armazenados na memória do falante destinados à conceituação de objetos de discurso. Esse arquivo é preenchido com informações a partir de predicções e por meio das etiquetas utilizadas que nomeiam o próprio arquivo. O movimento de reativação seria, então, realizado pelo processo anafórico, responsável por reacessar o referente, (re)construir categorias e catalisar o avanço textual. Já a desativação ocorre quando um novo referente é ativado no texto, tirando o foco do primeiro. Esses três movimentos em relação ao referente explicam as seguintes propriedades do processo referencial: (i) coesão e coerência, uma vez que tais movimentos criam uma rede conceptual que interconecta os elementos textuais formal e semanticamente nos textos, estabelecendo unidade textual; (ii) progressão textual, visto que recuperam informações prévias para acrescentar novas; e (iii) construção de realidade, já que geram uma realidade linguística no discurso.

¹ Livre tradução dos autores.

A rigor, as estratégias de referenciação consistem na introdução dos referentes no texto, passíveis de serem retomados por uma estratégia anafórica, que pode ser retrospectiva ou prospectiva – termos que entram no lugar da noção de anáfora e catáfora. Essa mudança não envolve apenas a nomenclatura, mas também a perspectiva de análise, visto que, hoje, o foco não é a identificação do referente no texto, mas a análise do seu papel discursivo. Por isso, a preocupação de perceber o porquê de uma anáfora ser retrospectiva ou prospectiva e não apenas identificar sua referência.

Quando há a correferencialidade, tem-se uma anáfora direta e, quando não é possível identificar essa relação correferencial, tem-se uma anáfora indireta. Há, ainda, um outro tipo de anáfora, que estaria entre esse *continuum* “correferencialidade–não correferencialidade”, as chamadas anáforas encapsuladoras. Segundo Conte (2003), essas anáforas possuem um papel de sumarizar porções do cotexto ao mesmo tempo em que podem atribuir um rótulo a essas porções, estabelecendo uma avaliação.

Além dessas funções textuais e cognitivas, a referenciação tem um papel discursivo: as formas referenciais correspondem a uma escolha do produtor de textos, tendo em vista os sentidos que ele pretende imprimir no discurso. Há, no repertório linguístico, uma diversidade de maneiras para apresentar e caracterizar o objeto de discurso; assim, pode-se afirmar que toda escolha desempenha um papel argumentativo, conforme já demonstrava Koch (2002). Nesse sentido, intenta-se demonstrar, na análise do *corpus*, como as estratégias de referenciação constroem uma cadeia coesiva que contribui, largamente, para a orientação argumentativa dos textos – em especial, quando articuladas à incitação de emoções.

Da referência à emoção

Como se pontuou na seção anterior, as cadeias correferenciais não só contribuem para progressão referencial e para manutenção tópica, como ainda apontam categorizações sobre os objetos de discurso, evidenciando a orientação argumentativa do texto. Nesse sentido, revisitando a Retórica aristotélica, a referenciação, como um processo coesivo-argumentativo, pode ser relacionada aos modos artísticos, isto é, aos mecanismos engendrados pelo orador junto ao seu auditório a fim de o convencer: o *logos*, os argumentos verdadeiros ou prováveis; o *ethos*, a imagem do orador; e, como se destaca a seguir, o *pathos*, as emoções despertadas pelo orador nos ouvintes.

No que tange, especificamente, ao discurso midiático, Charaudeau (2006, p. 92), ao focalizar a dramatização, sublinha que, na disputa mercadológica, a espetacularização da informação sustenta-se por meio de apelos emocionais, capazes de apreender o público-consumidor: “a instância midiática acha-se, então, condenada a procurar emocionar seu público, a mobilizar sua afetividade, a fim de desencadear o interesse e a paixão pela informação que lhe é transmitida”.

Charaudeau (2007) cunha, então, o termo *patemização* para se referir ao processo discursivo de suscitar efeitos emocionais no interlocutor. Trata-se, pois, de investigar as emoções das quais a linguagem pode ser portadora, ou seja, os efeitos visados e potenciais de um ato de linguagem. Embora destaque que os efeitos patêmicos podem ser produzidos por signos não verbais, o semiolinguista privilegia a investigação de como as expressões verbais têm a potencialidade de despertar paixões em uma determinada situação de interação e em um agrupamento social relativamente homogêneos.

Nesse sentido, respondendo ao questionamento “Há marcas-vestígios do patêmico?”, o autor reforça a ideia de que a seleção lexical pode instanciar o *pathos* e, dessa forma, opõe três categorias de expressões: (i) palavras com tonalidades patêmicas, que configurariam um discurso explícito e direto por descreverem, mesmo fora do discurso, sentimentos e emoções – tais como, “felicidade”, “raiva”; (ii) “palavras que não descrevem as emoções, mas são tidas como boas candidatas ao seu desencadeamento”, configurando um discurso implícito e indireto – tais como “assassino”, “morte”; e (iii) “enunciados que não comportam palavras patemizantes e que, no entanto, são susceptíveis de produzir efeitos patêmicos, desde que tenhamos conhecimento da situação de enunciação” – como “‘Basta!’”, gritavam as pessoas vítimas do milésimo bombardeamento da sua cidade”. (CHARAUDEAU, 2007, p. 37-38).

Partindo do pressuposto de que os estados patêmicos são desencadeados não só pela percepção de um actante-objeto (pessoa ou situação; portanto, exterior ao sujeito), como também pelo comportamento do sujeito frente a esse actante, Charaudeau (2007, p. 49-54) propõe quatro grandes tópicos, que, em seus polos negativo e positivo – DOR e ALEGRIA, ANGÚSTIA e ESPERANÇA, ANTI-PATIA e SIM-PATIA, REPULSA e ATRAÇÃO –, seriam constituídas por diferentes figuras, como se demonstra na análise a seguir.

A referenciação e a patemização em análise

O *corpus* selecionado para a análise qualitativa é formado por duas reportagens televisivas que tratam de presidiárias transexuais. Cumpre salientar que, na transcrição das falas que compõem as matérias jornalísticas, mantiveram-se as variações sintáticas (como a não-concordância e as topicalizações) e atribuiu-se pontuação ao texto transcrito, de modo a facilitar sua leitura e refletir a articulação frástica. Selecionaram-se, em cada matéria, os excertos mais representativos quanto à caracterização das presidiárias trans e aos efeitos patêmicos visados. Tais fragmentos foram apresentados e comentados segundo a ordem em que surgem nos textos fonte, visando à investigação da progressão textual (e não apenas das formas correferenciais em isolado). Ressalta-se, por fim, que foram consideradas não somente as formas correferenciais, mas também predicativos, vocativos e apostos referentes aos objetos de discurso analisados, já que, como já dito por Koch (1998), a recategorização não ocorre somente por meio das anáforas, mas também por meio das predicções usadas no fio do discurso.

O drama de Susy e de outras presidiárias trans no *Fantástico*

A reportagem do telejornal *Fantástico* tem como objetivo principal descrever o cotidiano de transexuais que cumprem pena em diferentes presídios do país, destacando, sobretudo, suas carências (materiais e emocionais), seus conflitos psicológicos e suas dificuldades junto aos demais presos e aos agentes prisionais. Desse modo, apresentando, exclusivamente, a condição das detentas transexuais, a matéria, desde sua abertura, reafirma a transexualidade e evidencia a condição dramática dessas presidiárias.

(1) Só nos presídios paulistas, existem 700 mulheres trans, ou seja, presas que nasceram no corpo de homem, mas são mulheres confinadas em cadeias masculinas – uma população carcerária que enfrenta o preconceito, o abandono e a violência. Quem conhece bem essa realidade é o Dr. Drauzio Varella.

Como se pode observar, o objeto de discurso em análise, ancorado pelo adjunto adverbial “só nos presídios paulistas”, é introduzido na memória textual por meio da expressão “mulheres trans”, que já opera uma primeira categorização. O núcleo desse sintagma nominal ratifica a identidade feminina das detentas; e o determinante, por seu

turno, especifica o estatuto não-biológico dessa construção identitária.

Haja vista não só o recente surgimento do termo “transexual” (cunhado na década de 1980), como principalmente suas diferentes interpretações, a forma de introdução referencial é seguida de uma paráfrase definicional: “presas que nasceram no corpo de homem, mas são mulheres confinadas em cadeias masculinas”. Segundo Koch (2002, p. 38), em construções referenciais como essa, um *definiendum*, previamente introduzido, tem sua significação explicitada/restrita por meio de uma expressão anafórica subsequente – o que possibilita a introjeção de um novo item lexical na memória do enunciatário. Nessa forma concisa de conceituação, destaca-se o encadeamento das duas asserções que a constituem: de um lado, a oração adjetiva restritiva aponta, sob a perspectiva biológica, o sexo masculino das presidiárias; de outro, a oração adversativa, de maior força argumentativa, reitera, pela repetição do nome “mulheres”, a identidade feminina das detentas. A estabilização dessa categoria é corroborada, também, por formas anafóricas correferenciais, tais como a expressão idêntica “mulheres trans” e a forma “presidiárias trans”.

Encerrando a primeira frase da reportagem, há, ainda, a expressão anafórica “uma população carcerária que enfrenta o preconceito, o abandono e a violência”, que, como outra forma de progressão referencial, amplia a categorização do objeto de discurso. Por meio dessa forma remissiva, explicita-se o fato de as prisioneiras “trans”, em específico, padecerem emocional e fisicamente. A construção identitária e o acometimento dessas presidiárias são, por fim, sumarizados pela expressão “essa realidade”, que os categoriza como uma situação não-ficcional, uma verdade a ser reportada aos telespectadores. Em sendo um rótulo retrospectivo, essa forma de referenciação possui uma dupla função: recupera elementos já expressos no cotexto e, ao mesmo tempo, introduz um novo referente – neste caso, tema central do texto jornalístico em análise.

Após a abertura da reportagem, introduz-se a voz do Dr. Drauzio Varella, que, em uma retrospectiva e avaliação de sua atuação junto às presidiárias, opta pela expressão “trans(exuais)”, repetida quatro vezes, para se referir não só àquelas que atendia no Carandiru, como também àquelas presas no Centro de Detenção Provisória II, em Pinheiros (São Paulo), com as quais conversa ao longo de toda a matéria.

(2) Há 30 anos, sou médico voluntário em cadeias. Comecei em 1989 lá na Casa de Detenção, no Carandiru. E eu lá via os doentes; e eu comecei a atender as transexuais. Só

que eu não entendia nada. E aí fui estudar um pouco, fui ler um pouco; e comecei a dar palestra para as trans. Conversas como essa que a gente está tendo agora e que eu costumo fazer de tempos em tempos para falar sobre as questões de vocês aqui, dentro da cadeia. Eu acho que, no fim, a cadeia faz parte um pouco da história de vida da trans. Porque é uma pressão para que a trans seja considerada marginal – o tempo todo.

Nas falas do doutor – embora utilize, com maior recorrência, a forma “trans”, inclusive concordando com os demais termos no feminino –, também se pode observar o emprego de “travesti”, como uma (possível) expressão sinônima. No fragmento a seguir (em que o doutor relata sobre a contaminação de AIDS no Carandiru, em 1992), por exemplo, o nome “travestis” designa, igualmente, as detentas atendidas por ele. Não obstante a possibilidade de essa expressão se referir a uma das várias identidades das transexuais, a interpretação de “travesti” como um hipônimo do termo “transexual” implicaria, no trecho em análise, a compreensão de que o doutor, em suas “aulas” junto às detentas, teria separado estas em grupos – o que, por questões práticas e éticas, seria pouco adequado e producente.

Pela exploração desse mesmo excerto, pode-se, ainda, inferir que, no discurso do doutor, o termo “travesti” não possui conotação pejorativa. Tal hipótese pode ser justificada pela expressão “uma menina”, visto que esse novo objeto de discurso, ancorado às formas “travestis” e “elas”, reafirma a identidade feminina desse grupo. “Uma menina” consiste, portanto, em uma anáfora indireta, que, como tal, mantém uma associação cognitivo-discursiva com o elemento nominal presente no cotexto antecedente. Em outras palavras, “Entre uma AI e um cotexto antecedente (uma âncora), há um vínculo coerente, embora não haja uma relação explícita com um antecedente”. (MARCUSCHI, 2005, p. 91). Logo, se traços semânticos do elemento âncora são recuperados ou acrescentados pelo item anafórico, a forma referencial “menina” atribui, possivelmente, ao grupo do qual faz parte o traço de ingenuidade e/ou de delicadeza, comum às crianças.

(3) Eu cheguei no Carandiru em plena epidemia de AIDS. Não tinha tratamento ainda. Eu testei lá 82 trans. 79% eram HIV positivo. Eu reuni as travestis foi pra dar uma aula pra elas. Perto do final da aula, uma menina diz: “Olha! Aqui todas nós sabemos como é que pega e como é que não pega o vírus. O que nós precisamos é de camisinha.” Por que que eu não esqueci dessa história? Foi o dia que estourou o massacre do Carandiru. Exatamente nesse

dia.

No que concerne, especificamente, à entrevista com Susy de Oliveira Santos, que cumpre pena na Penitenciária I José Parada Neto, em Guarulhos, na Grande São Paulo, destacam-se, além da forma “travesti” (em “Existe alguma forma da travesti não se prostituir quando chega na cadeia?”), os vocativos empregados por Drauzio Varella para se referir à detenta. No trecho seguinte, pode ser observada a significativa frequência de uso do pronome de tratamento “você” (como uma marca do gênero entrevista) e do nome social da presidiária. Ambas as formas são, portanto, expressões não marcadas, mas que podem sugerir proximidade entre os parceiros dessa troca comunicativa.

(4) D: E hoje você tem acesso ao preservativo, à camisinha?

S: Sim.

D: E durante esse tempo todo, você teve que se prostituir para sobreviver?

S: No início, sim.

D: E quanto tempo levou entre você chegar na cadeia e começar a trabalhar?

S: Uns quatro ano, quatro ano e meio.

D: Susy, explica como é o trabalho que você faz. Você usa/pega essas borrachas e faz o quê?

S: Coloco na forma, preno a borracha; e sai uma placa para a vedação de cano. Graças a esse emprego, eu não vou sair como eu cheguei: sem uma forma de poder caminhar.

Neste último trecho, a presidiária, em sendo questionada sobre seus relacionamentos afetivos, é referida pelo doutor por meio do vocativo “minha filha”. Em primeiro, essa forma conotativa de referenciação aproxima (ainda mais) os enunciadores, sugerindo a existência de um laço afetivo semelhante à relação familiar. Além disso, recuperando o arquétipo paternal, o doutor, em uma relação dialógica junto à sua “filha”, assume, ainda que momentaneamente, as possíveis figuras de orientação e de consciência, conduzindo-a no reconhecimento de seus sentimentos.

(5) D: E você está casada agora ou está solteira?

S: Agora... estou meio separada, que meu marido foi transferido.

D: Há quanto tempo você está sem receber nenhuma visita na cadeia?

S: Oito ano, sete ano... bastante tempo. [Pausa]. É isso!

D: Solidão, né, minha filha?

S: Bastante! Bastante!

[Drauzio abraça Suzy]

Como se pôde observar, as formas referenciais que, nessa reportagem, designam as presidiárias trans são, em sua maioria, termos não avaliativos; há, no entanto, expressões como “uma população carcerária que enfrenta o preconceito, o abandono e a violência” que sublinham o acometimento dessas detentas causado não só pela não-aceitação da transexualidade por outrem e/ou por si mesmas, como principalmente pela insuficiência do sistema carcerário na garantia de condições adequadas à sua saúde física, mental e social. Essas mulheres trans, cuja fragilidade é posta em evidência, são, dessa maneira, apresentadas (quase) como vítimas, imputando ao enunciatário um comportamento de ajuda para aliviar-lhes o sofrimento. Cada uma das detentas entrevistadas corrobora essa imagem de alvo de perseguição/exclusão: Susy Oliveira, por exemplo, declara ter sido obrigada a se prostituir ao chegar à cadeia, ter contraído AIDS e tuberculose, ter se separado de seu companheiro e não ter recebido, há anos, visitas de familiares. Frente à imagem de uma mulher prostituída, doente, solitária e triste, cujos crimes são, nesse texto, silenciados, gera-se, possivelmente, a tópica da SIM-PATIA, nas figuras da “benevolência” e da “compaixão”: instaura-se uma proximidade moral e afetiva entre a vítima e o sujeito observador-testemunha, que, tal como fez o Dr. Varella com seu abraço, deseja consolar, com cartas, *posts* e doações, aquela que sofre.

Os crimes do transexual satânico no *Alerta Nacional* 7

A reportagem exibida pelo programa *Alerta Nacional*, ao abordar a polêmica em torno da entrevista do Dr. Drauzio sobre a situação das transsexuais nos presídios brasileiros, apresenta um direcionamento argumentativo com vistas a criminalizar a transexual Suzy. As estratégias linguísticas usadas no texto vão construir a imagem da Suzy como um assassino cruel e frio, assim como as demais pistas textuais vão fomentar um discurso de ódio em relação ao caso narrado.

A apresentação do assunto já demonstra uma determinada orientação argumentativa:

(6) Eu prometi pra amanhã, eu prometi pra amanhã uma reportagem especial sobre o caso Suzy, o travesti assassino de crianças. Estuprador assassino.

Como se pode notar, a escolha do tema é formalizada por meio da introdução do referente, Suzy, por meio de sua nomeação, seguida de uma predicação que revela o julgamento do enunciador sobre ela. A sua caracterização como assassino e estuprador já é um ato ideológico, uma vez que apresenta o tema por meio de uma descrição extremamente avaliativa. Por meio dessas escolhas linguísticas, o enunciador espera guiar o ouvinte ao sentido esperado na interação, pautando o conteúdo com base nos seus valores e crenças ideológicas, as quais espera compartilhar com o público, além de evocar determinados modelos mentais nos falantes, que serão confirmados pelas estratégias anafóricas empregadas na caracterização desse referente.

Além disso, cabe destacar que a introdução desse objeto de discurso também já aponta para sua desqualificação enquanto transsexual, que se assume como mulher. Isso pode ser verificado pelo emprego da forma “travesti”, considerada pejorativa², e pela caracterização feita por formas masculina, negando a sua identidade feminina.

Em seguida, no decorrer do discurso, o referente não mais será retomado pelo nome “Suzy”, mas sim por anáforas diretas, como “bandido” e “assassino estuprador”, “vagabundos”, que, além de negarem a sua identidade de gênero, também aprofundam a avaliação negativa feita pelo repórter:

(7) Alguns jornais escolhem dar a história do bandido. O Alerta dá a história da vítima. Alguns preferem dar voz ao assassino e o estuprador. A gente escolhe dar a voz a quem sofre nas mãos desses vagabundos, como esse aqui.

Vale ressaltar, corroborando com Samaniego (2011), o aspecto discursivo desse uso anafórico e não uma ligação linear de substituição ou de igualdade entre os termos. A relação de sentido que se estabelece entre uma anáfora e um antecedente só faz sentido naquele

² Embora, recentemente, o termo seja, por vezes, utilizado como expressão de resistência de quem assim se identifica, aponta, historicamente, um xingamento transfóbico ou uma mulher trans que não desejava passar pelo processo de redesignação genital. O termo é, ainda, frequentemente relacionado à prostituição.

contexto sociocomunicativo situado, sendo uma construção complexa que depende do acesso a diversas bases do conhecimento para checagem de sentido. Nesse sentido, as escolhas lexicais empregadas visam à construção de uma imagem negativa, não só da transexual Suzy, mas também grupo do qual ela faz parte. Assim, as escolhas de substantivos, adjetivos e pronomes dialogam com crenças de um determinado grupo social que compartilha esses valores.

Outra estratégia realizada na manutenção do referente Suzy consistiu no emprego do pronome pessoal “ele”. Desse modo, o enunciador continua promover um apagamento da imagem de Suzy como mulher, chegando a usar o seu nome de nascimento, como neste fragmento:

(8) Rafael Tadeu de Oliveira Santos é o nome da Suzy. “Suzy” para a lacrolândia. (...). Vocês não cansam de passar vergonha mesmo! Ô lacrolândia do inferno, vocês não cansam de passar vergonha mesmo, né, rapaz!? A família não quer ver essa desgraça, porque isso aqui é um assassino, é o demônio na terra. Ele matou uma criança de nove anos depois de ter estuprado. Ateou fogo, enterrou, bando de desgraçados! Bando de covardes! Deixa de fazer graça! Vai arrumar outro palco, rapaz! Vai arrumar outro palco pra aparecer! Vamos continuar...

Esse apagamento vai culminar em um processo de coisificação de Suzy. Primeiro, sua identidade social é negada, assim como seu nome, pois há um retorno ao seu nome masculino, para, em seguida, ser recategorizada como “essa desgraça” e “isso aqui”. O nome “desgraça”, assim como “assassino” e “demônio na terra”, cria uma rede axiológica que desqualifica a transexual de maneira explícita. Nesse sentido, o uso do pronome demonstrativo “isso”, usado para referência a coisas, amplia a desumanização sofrida por Suzy.

Embora não seja o objetivo central deste trabalho, faz-se importante destacar como a construção dessa fala, neste ponto, encaminha-se para um discurso intolerante. Barros (2016) aponta que os discursos intolerantes costumam apresentar alguns percursos temáticos, como a desumanização do outro, por exemplo. De acordo com a autora (2016, p. 8):

[...] os discursos intolerantes consideram o “diferente” como aquele que rompe pactos e acordos sociais, por não ser humano, por ser contrário à natureza, por ser doente e sem ética ou estética, e que, por isso mesmo, é temido, odiado, sancionado negativamente e punido.

Assim, a desqualificação de Suzy, ou a sua coisificação, gera, no interlocutor, um distanciamento, uma espécie de licença para odiar a transexual e sugerir sua punição, uma vez que sua humanidade passa a ser negada pelo discurso. Nesse contexto, durante a exibição do programa, o âncora complementa a enunciação do apresentador, reforçando a imagem negativa da Suzy, chamando-a de “assassino frio e calculista”, “psicopata” e afirmando que a transexual deveria “estar preso eternamente”.

O apresentador, em seguida, retoma a condução do programa, novamente recategorizando Suzy como “pedófilo estuprador” e, em seu comentário, tece críticas à entrevista feita pela *Rede Globo*. Nesse momento da reportagem, para além da articulação referencial negativa, as escolhas lexicais podem ser classificadas como (ainda mais) ofensivas:

(9) Enaltecer pedófilo estuprador... só numa TV como a Globo mesmo! [...] Acreditem, acreditem: em atividade escolar, crianças fazem mensagens para mulher trans... Mulher trans é o meu cacete! Esse traveco, travesti do cacete, o satanás, o satanás! [...]

Os termos em destaque mostram, mais uma vez, a desqualificação do homossexual de forma bastante pejorativa, até chegar a sua conceptualização como ameaça à ordem social, por meio da recategorização de Suzy como “satanás”. Tal recategorização, já quase no final do programa, fecha um discurso que também pode ser caracterizado por uma gradação, em que a humanidade do referente foi, paulatinamente, negada até poder ser recategorizado, dentro do discurso, como uma figura demoníaca. Assim, essa retomada não causa estranhamento nos expectadores, pois toda cadeia coesiva licencia que esse objeto de discurso possa ser revestido dos valores negativos comumente associados ao nome satanás.

No fim do programa, Sikêra Jr., de modo irônico, retoma a imagem de Suzy, inclusive combinando com outras formas no feminino. No entanto, consegue demarcar que essa forma de se referir à Suzy remonta à entrevista exibida pela *Rede Globo* por meio de gestos, por exemplo, mas também por elementos linguísticos. Essa alusão à entrevista pode ser comprovada pelo uso do pronome demonstrativo “aquela”, que funciona aqui como um

dêitico de memória, um tipo de dêixis que tem por objetivo fornecer indícios ao coenunciador de que ele deve buscar o objeto aludido em conhecimentos que os participantes da comunicação compartilham. Em outras palavras, a forma dêitica aponta para um espaço de memória comum entre os interlocutores. De acordo com Ciulla (2008, p. 73), a dêixis de memória “denuncia o posicionamento do enunciador, em que há a indicação de algum espaço – normalmente a memória –, onde podemos encontrar informações que nos servirão de base para construir um referente”.

Esse tipo de dêixis convida o leitor a investigar o momento apontado no texto, levando o destinatário a ter a impressão de que essa informação é perfeitamente acessível na memória discursiva, por meio dos conhecimentos compartilhados entre os participantes da comunicação, como no trecho seguinte:

(10) Aquela mesma coitadinha que não recebia visitas há mais de oito anos. Bonitinho, né?, o doutor abraçando a coitadinha. Muito bonitinho! Mas só se esqueceram de colocar na reportagem o que a “Suzy” fez para estar presa.

O uso do nome “doutor” também contribui para que se tenha certeza de que esse trecho se refere à entrevista exibida pela *Rede Globo*. Desse modo, as formas “coitadinha” (o emprego do diminutivo, nessa forma, constitui também uma marca de ironia) e “Suzy” podem ser lidas como uma crítica ao tratamento dispensado pela emissora à transexual Suzy. Além disso, esse trecho demarca, discursivamente, uma oposição em relação à *Globo*, pois, de um lado, está a caracterização realizada pelo enunciador do programa *Alerta Nacional*, em que a imagem de Suzy é a de um assassino frio, “um satanás”; e, de outro, está a imagem de “coitadinha”, relacionada à emissora concorrente.

“Travesti”, “assassino”, “bandido”, “estuprador”, “psicopata”, “o demônio na terra” são algumas das formas correferenciais empregadas na (re)construção do “pedófilo estuprador” que violentou, pelo menos, três crianças, sendo uma delas seu sobrinho de apenas cinco anos de idade. No que tange, especificamente, ao crime pelo qual foi condenado por 36 anos e oito meses de prisão, sublinha-se, nessa reportagem, o fato de “o assassino frio e calculista” ter não só seduzido, estuprado, estrangulado e assassinado o inocente menino de nove anos, como ainda ocultado seu corpo por dois dias, quando, então, deixou o cadáver na porta da casa dos pais da vítima. Pela percepção do actante como um malfeitor e a

consequente recusa de sua caracterização essencializada em “má”, suscita-se, possivelmente, a tópica da REPULSA, nas figuras do “desprezo”, da “aversão” ou mesmo da “fobia”: o sujeito-observador rejeita, veementemente, a ação do actante-malfeitor, sem, contudo, poder impedi-la, visto que já foi concretizada.

De forma semelhante, pode emergir a ANTI-PATIA, isto é, a indignação por algo considerado ofensivo e injusto pelo sujeito observador-testemunha, que se indigna frente à vítima e, ao mesmo tempo, coloca-se em comportamento de denúncia frente ao responsável pelo sofrimento do outro. O assassino e, por extensão, a *Rede Globo* (que, em matéria anterior, teria enaltecido o criminoso) podem, desse modo, tornarem-se alvo da “indignação”, da “denúncia”, da “cólera” ou mesmo do “ódio” daqueles que testemunham “até que ponto se omite um crime tão bárbaro para manipular a sociedade”.

Paralelamente, podem ser geradas estas tópicas patêmicas positivas: a SIM-PATIA, na figura da “compaixão”, pela tragédia das vítimas e, especialmente, da mãe “há dez anos sem poder abraçar o filho”; e a ATRAÇÃO, nas figuras da “admiração”, do “fervor” ou mesmo do “maravilhamento”, pelo apresentador Sikêra Jr., que, refutando a vitimização do estuprador e denunciando diferentes formas de manipulação da opinião pública, constrói, para si, uma imagem benfeitor: projetando-se como um repórter comprometido com a verdade e com a reparação do sofrimento alheio, pode não só entusiasmar e fidelizar seus telespectadores, como ainda ser, por eles, assumido como um “herói”.

Considerações finais

Como se verificou neste trabalho, a construção dos objetos de discurso e sua (re)categorização dentro dos textos – nosso objeto principal de análise – lançou luz sobre um dos pressupostos fundamentais para a Linguística de Texto: o texto como espaço de interação. Esse conceito, defendido por Koch e Elias (2006), por ser bastante complexo, pode ser mais facilmente compreendido no exame de textos em sua integralidade.

Nesse sentido, nos dois textos analisados, o estudo das formas de referenciação empregadas, especialmente, na construção do referente Suzy demonstrou como os sujeitos se inscrevem nos textos e (re)produzem imagens e representações sobre o referente em questão. As formas nominais utilizadas, ao mesmo tempo em que veiculam uma certa imagem do enunciador, promovem uma “conversa” entre os textos. A reportagem do

programa *Alerta Nacional* surge em resposta à exibida pelo *Fantástico*, com clara intenção de marcar uma oposição ao tratamento dispensado às presidiárias transexuais na entrevista conduzida pelo Dr. Drauzio Varella. Assim, as escolhas do sujeito, em interação com outros, revelam não só a intencionalidade dos textos, mas também modos de perspectivar o referente na relação com outros enunciadores.

Como comprova a análise, a construção da identidade da Suzy difere nas duas reportagens. No primeiro, a ativação e a manutenção desse referente valida a imagem de Suzy, como transexual, assim como a sua identidade feminina. No segundo, ao contrário, sua identidade feminina é rechaçada por meio das formas de referenciação e demais predicções; e as articulações referenciais, como as escolhas lexicais verificadas nas anáforas, criam uma rede axiológica que desqualifica e desumaniza Suzy de modo explícito. Desse modo, verificou-se como a construção dos objetos de discurso homologa traços de um diálogo interior do sujeito enunciator consigo mesmo e com os outros. Isso significa dizer que os valores manifestados textualmente buscam refletir julgamentos e conhecimentos que o locutor e/ou enunciator projetam sobre o referente.

Paralelamente, confirmou-se que o detalhamento de formas de referenciação, bem como o valor axiológico de algumas expressões, contribui para mobilizar emoções. Em outras palavras, o caráter axiológico dos processos referenciais, como “minha filha” e “satanás”, por exemplo, está diretamente ligado ao apelo às emoções, uma vez que mobiliza valores e crenças compartilhados. Assim, os referentes, quando portam valores, seja (explicitamente) através da expressão referencial, seja (difusamente) através de inferências ou de conexões estabelecidas a partir da tessitura textual, podem mobilizar emoções.

Ambas as reportagens visam a captar os telespectadores pela dramatização, isto é, pela afetação emocional. No entanto, é sobretudo na segunda reportagem que as formas de referenciação substanciam analogias, comparações, metáforas. Dessa forma, tal como pontua Koch (2002, p. 39), o emprego dessas expressões conotativas consiste em uma “manobra lexical” por meio da qual se evidencia a orientação argumentativa do texto.

Portanto, as formas de referenciação foram (e são) fundamentais na construção de sentido, persuadindo o leitor a se engajar no projeto de dizer do enunciator. Logo, estudar esses mecanismos em textos midiáticos, para além de ampliar habilidades de leitura, constitui uma análise de um fenômeno social, tendo em vista o momento de discursos polarizados vivenciado no Brasil.

Referências Bibliográficas

- BARROS, D. L. P. de. Estudos discursivos da intolerância: o ator da enunciação excessivo. **Cadernos de Estudos Linguísticos**, v. 1, 2016. p 8-24.
- CHARAUDEAU, P. **Discurso das mídias**. Trad.: Angela S. M. Corrêa. São Paulo: Contexto, 2006.
- CHARAUDEAU, P. A patemização na televisão como estratégia de autenticidade. Trad.: Renato de Mello. *In*: MENDES, E.; MACHADO, I. L. (org.). **As emoções no discurso**, v. 2. Campinas: Mercado Letras, 2007. p. 23-56.
- CIULLA, A. **Os processos de referência e suas funções discursivas**: o universo literário dos contos. Tese (Doutorado em Linguística) – Universidade Federal do Ceará, 2008.
- CONTE, M. E. Encapsulamento anafórico. *In*: CAVALCANTE, M. M.; RODRIGUES, B. B.; CIULLA, A. (org.). **Referenciação**. São Paulo: Contexto, 2003. p. 17-52.
- KOCH, I. G. V. **A coesão textual**. São Paulo: Contexto, 1989.
- KOCH, I. G. V. Linguagem e cognição: a construção e reconstrução de objetos-de-discurso. **Veredas**, v. 6, n. 1, 2002. p. 29-42.
- KOCH, I. G. V.; ELIAS, V. M. **Ler e compreender**: os sentidos do texto. São Paulo: Contexto, 2006.
- KOCH, I. G. V.; MARCUSCHI, L. Processos de referenciação na produção discursiva. **Delta**, São Paulo, v. 14, 1998. p. 143-173.
- MARCUSCHI, L. A. Ingedore Koch e os segredos do texto. **Cadernos de Estudos Linguísticos**, v. 44, 2003. p. 11-17.
- MARCUSCHI, L. A. Anáfora Indireta: o barco textual e suas âncoras. *In*: KOCH, I. G. V.; MORATO, E.; BENTES, A. C. (org.). **Referenciação e discurso**. São Paulo: Contexto, 2005. p. 51-101.
- MONDADA, L.; DUBOIS, D. Construção dos objetos de discurso e categorização: uma abordagem dos processos de referenciação. Trad.: Mônica Magalhães Cavalcante. Rev.: Francisco R. F. Damasceno e Alena Ciulla. *In*: CAVALCANTE, M. M.; RODRIGUES, B. B.; CIULLA, A. (org.). **Referenciação**. São Paulo: Contexto, 2003. p. 17-52.
- SAMANIEGO, A. **La categorización de entidades del discurso en la escritura profesional**: las etiquetas discursivas como mecanismo de cohesión léxica. Tese (Doutorado em Língua Espanhola) – Dep. de Filologia Hispanica, Universitat de

Barcelona, 2011.

SCHWARZ, F. M. Indirect anaphora in text: a cognitive account. *In*: SCHWARZ, F. M.; MANFRED, C; MAREILE, K. (org.). **Anaphors in text**: cognitive, formal and applied approaches to anaphoric reference, v. 86. John Benjamins Publishing, 2007.

***Margareth Andrade Morais** é doutora em Língua Portuguesa (Linguística Textual) pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), onde também se tornou mestre em 2012. Desde 2011, pertence ao quadro de professores de Língua Portuguesa e Literatura do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio de Janeiro (IFRJ). E-mail: margareth.morais@ifrj.edu.br

***Rafael Guimarães Nogueira** é doutor em Estudos de Linguagem (Análise Semiolinguística do Discurso) pelo Instituto de Letras da UFF e mestre em Língua Portuguesa (Linguística Textual) pela Faculdade de Letras da UFRJ. Desde 2010, é professor do IFRJ (campus Rio de Janeiro), onde leciona para turmas do Ensino Médio. E-mail: rafael.nogueira@ifrj.edu.br

Recebimento: 30 de abril de 2020

Aprovação: 25 de junho de 2020